

OS CRITÉRIOS DE NOTICIABILIDADE E A RELEVÂNCIA DAS PAUTAS LEVADAS AO AR PELAS JORNALISTAS MULHERES NA APRESENTAÇÃO DO JORNAL NACIONAL

The noticeability criteria and the relevance of the news presented by female journalists
in the presentation of Jornal Nacional

Michele Negrini¹
Roberta Brandalise²

Resumo:

Realizamos um estudo comparativo sobre os critérios de noticiabilidade das pautas levadas ao ar por apresentadores homens e mulheres do Jornal Nacional (JN), com o propósito de averiguar se há e qual é o grau de igualdade entre os gêneros na profissão, considerando a participação significativa das mulheres no telejornal. Para tanto, retomamos historicamente a questão de gênero e, teoricamente, o papel dos apresentadores de telejornal e dos critérios de noticiabilidade. Utilizamos estratégias quantitativas e qualitativas na análise de edições do Jornal Nacional e identificamos e tabulamos a ocorrência dos critérios de noticiabilidade na análise discursiva dos enunciados dos apresentadores. Encontramos indícios de equivalência entre os critérios de noticiabilidade usados nas pautas apresentadas por jornalistas homens e mulheres no JN, mas identificamos a necessidade de aprofundar a pesquisa porque a desigualdade entre gêneros pode vir a ser percebida em outras dimensões do cotidiano de trabalho.

Palavras-chave: Telejornalismo; Jornalistas mulheres; Critérios de noticiabilidade.

¹ Jornalista; doutora em Comunicação; professora e pesquisadora da Universidade Federal de Pelotas. Integrante do núcleo de pesquisadores do Grupo Interinstitucional de Pesquisa em Telejornalismo (GIPTele). *mmnegrini@yahoo.com.br*

² Jornalista formada pela Universidade Federal de Santa Maria; mestre e doutora em Ciências da Comunicação formada pela Universidade de São Paulo. Professora dos cursos de graduação e pós-graduação em Comunicação na Faculdade Cásper Líbero. *betalise@terra.com.br*

Abstract:

We realized a comparative study about the criteria of noticeability of the news presented on air by men and women on *Jornal Nacional* (JN), intending to inquire if there is and the scale of gender equality in this profession, considering the significant participation of women in TV News. For this, we historically resumed to the gender issues and, theoretically, the function of the TV News anchors and the noticeability criteria. We utilized quantitative and qualitative strategies on the analysis of a few editions of *Jornal Nacional*, in order to identify and tabulate the occurrence of the noticeability criteria and the speech analysis of the TV News anchors speech. We found evidence of equivalence between the noticeability criteria used in the news presented by male and female journalists on JN, but we also identified the necessity of deepen this research, once this gender inequality can be perceived in other dimensions of the day-to-day work.

Keywords: TV journalism; female journalists; noticeability criteria.

Introdução

Em mais de 40 anos de história, o *Jornal Nacional*³ (JN) teve quatro mulheres como apresentadoras titulares em sua bancada – Lillian Witte Fibe; Fátima Bernardes, Patrícia Poeta e Renata Vasconcellos. A estreia de jornalistas mulheres na apresentação do telejornal de maior audiência no horário nobre da televisão brasileira demorou 27 anos, se deu em 1996, com Witte Fibe, que ficou por dois anos no ar. Bernardes foi a jornalista que ficou por mais tempo em frente à bancada do JN, desde 1998; no total, foram quatorze anos no ar. Em seguida, a jornalista Poeta assumiu a bancada do JN por cerca de três anos. E, desde o final de 2014, a jornalista Renata Vasconcellos é a atual apresentadora titular do telejornal.

³ *Jornal Nacional* – Telejornal. Período de exibição: no ar desde 1º/9/1969. Horário: 19h45; 20h15. Periodicidade: de segunda a sábado. (Fonte: Projeto Memória Globo, *site* oficial Globo.com).

A quantidade de apresentadoras mulheres titulares no JN em relação à quantidade de homens que já apresentaram o jornal como titulares é quase equivalente. Desde 1969, quando surgiu o telejornal, foram cinco apresentadores homens – Hilton Gomes, Cid Moreira, Sérgio Chapelin, Celso Freitas e William Bonner. Esse é um indicador relevante para pensarmos sobre a contribuição significativa de jornalistas homens e mulheres na produção e na manutenção do programa, que é um ícone do telejornalismo realizado no país.

Entretanto, a quantidade quase equivalente de apresentadores não é suficiente para elaborar afirmações sobre a igualdade de gênero na participação significativa de jornalistas homens e mulheres no JN. Qualquer diagnóstico contemporâneo mais significativo sobre a questão depende de recuperarmos a história do telejornal e da participação das mulheres nas diversas atividades jornalísticas que envolvem a realização do JN.

A fim de estudar a participação significativa das jornalistas mulheres no JN, recortamos, como objeto de análise, a participação delas como apresentadoras, porque compreendemos que os apresentadores são mediadores relevantes na configuração da identidade do telejornal e no cultivo da relação com o público. Uma vez que as jornalistas mulheres dividem a bancada com homens, realizamos pesquisa comparativa, com estratégias quantitativas e qualitativas, sobre a relevância das pautas abordadas pelos apresentadores homens e mulheres, investigando os critérios de noticiabilidade (WOLF, 2003; TRAQUINA, 2005; SOUSA, 2010) no discurso (ORLANDI, 2001) enunciado pelos apresentadores.

Ao longo da história do Jornal Nacional, assim como no caso dos homens, tivemos outras jornalistas mulheres na bancada, cobrindo folgas e férias dos apresentadores titulares. Na atualidade, a jornalista Carla Vilhena tem ocupado a posição de apresentadora do JN nessas ocasiões – desde 1999, ela integra o rodízio de apresentadores eventuais do

telejornal⁴. Nesse artigo, compartilhamos o que aprendemos sobre o cenário contemporâneo acerca da participação das jornalistas mulheres na bancada do JN, expondo a análise de duas edições do Jornal Nacional – em uma delas, esteve à frente da bancada a atual titular, Renata Vasconcellos, ao lado do também apresentador titular William Bonner; em outra, a jornalista Carla Vilhena esteve ao lado do também apresentador eventual do JN, William Waack.

É importante pontuar que os dados expostos e analisados neste artigo integram pesquisa mais ampla, em desenvolvimento, que se justifica pela necessidade de observação permanente da participação significativa das mulheres no jornalismo brasileiro. Nesse sentido, o fato de o Jornal Nacional ter levado 27 anos para ter uma apresentadora mulher em sua bancada também é um indicativo a ser considerado. A atuação das jornalistas mulheres ganhou espaço em convergência com as transformações sociais e culturais desencadeadas por diversos fatores, entre eles, as reivindicações das próprias mulheres, organizadas ou não, em movimentos feministas no Brasil e no mundo.

Não pretendemos esgotar tal problemática neste artigo, mas contribuir para as reflexões contemporâneas sobre a participação significativa das mulheres no jornalismo, por meio da análise comparativa dos critérios de noticiabilidade das pautas levadas ao ar pelos apresentadores homens e mulheres do JN.

1. As mulheres no jornalismo brasileiro

De acordo com a pesquisa “Perfil do jornalista brasileiro: características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012” (TMT/UFSC; Fenaj; FNPJ; SBPJor)⁵, as

⁴ As edições de sábado do JN são ancoradas por apresentadores eventuais. Entre eles, na atualidade: Carla Vilhena, Alexandre Garcia, Chico Pinheiro, Heraldo Pereira, Ana Paula Araújo, Evaristo Costa e Sandra Annenberg.

⁵ A pesquisa foi um projeto do Núcleo de Estudos sobre Transformações no Mundo do Trabalho da Universidade Federal de Santa Catarina (TMT/UFSC), em parceria com a Federação Nacional dos

mulheres representam 64% dos jornalistas no país, mas os homens são predominantes na ocupação de cargos de chefia. Em retrospecto, é possível apontar que, em 2006, segundo Casadei (2011), 52% das vagas de jornalista eram ocupadas por mulheres; em 1996, esse número chegava a pouco mais de 40%, e, em 1986, as mulheres ocupavam 36% dos quadros profissionais do país (ROCHA, 2005).

A pesquisa de 2012 evidencia o avanço das mulheres na categoria, bem como a disparidade delas em relação aos homens em cargos de liderança. Por isso mesmo, consideramos importante investigar outras dimensões que envolvem essa problemática, como é o caso dos critérios de noticiabilidade das pautas levadas ao ar por jornalistas homens e mulheres. Afinal, no caso do JN, sobre o qual nos debruçamos, em âmbito quantitativo, temos quase o mesmo número de mulheres e homens à frente da bancada do JN, posição de destaque no cenário do jornalismo brasileiro, apesar de esse dado não ser conclusivo sobre a participação significativa das mulheres no telejornal.

Para pensar nosso objeto de pesquisa na contemporaneidade, é preciso estudar a história e não perder de vista o que ela nos ensina sobre os desafios enfrentados pelas mulheres na sociedade brasileira e no exercício do jornalismo. Nesse sentido, é válido resgatar que, no Brasil, até meados da década de 30 do século XX,

As empresas jornalísticas eram pensadas e construídas como ambiente de sauna brega: só para homem. Nem havia banheiro feminino. No Estadão, à noite, quando fervia o trabalho jornalístico, as mulheres não eram aceitas nem na mesa telefônica. Havia mulheres como telefonistas, mas só durante o dia. À noite, um homem é que operava. Mulher podia ser telefonista, faxineira ou servia para fazer o café: circulava na área de serviço (RIBEIRO, 1998, p. 31).

Apesar de o cenário do início do século XXI ser bastante diferente daquele do início do século XX, retratado por Ribeiro (1998), é importante, ainda, atentar para a abordagem

Jornalistas (Fenaj) e com apoio do Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (FNPJ) e da Associação Brasileira de Pesquisadores do Jornalismo (SBPJor).

qualitativa sobre a participação das mulheres no jornalismo. Isso porque a desigualdade entre jornalistas homens e mulheres pode vir a ser percebida em outras dimensões do cotidiano de trabalho. De acordo com Chambers, Steiner e Fleming (2004), por exemplo, na história do jornalismo norte-americano, do século XIX ao início do século XX, as jornalistas mulheres foram mais incentivadas a se dedicarem a pautas de interesse humano, do que a discutir política ou outros temas sociais estruturais. Esperava-se que as jornalistas mulheres estimulassem respostas emocionais nos entrevistados, expondo como os fatos afetam o cidadão comum na vida cotidiana. Era também comum atribuir às mulheres a atuação na área de moda e de comportamento na vida doméstica e social.

Essa realidade histórica torna ainda mais relevante o estudo dos critérios de noticiabilidade das pautas levadas ao ar por apresentadores homens e mulheres do JN, com o propósito de averiguar, de forma realista, se há e qual é o grau de igualdade entre os gêneros na profissão. Afinal, os desafios enfrentados pelas jornalistas mulheres no Brasil convergem com aqueles retratados por Chambers, Steiner e Fleming (2004) no cenário norte-americano. E se somam a uma conjuntura nacional configurada com fatores específicos – entre eles, a predominância das tradições católicas; o engendramento de uma colônia de exploração perpetrada por homens; o recrudescimento em relação aos avanços dos movimentos sociais, por parte de regimes ditatoriais; os próprios descompassos do país em relação às transformações experimentadas por outras nações nos âmbitos tecnológico, econômico, social, cultural, político, e mesmo no desenvolvimento da imprensa e da atividade jornalística.

2. O Jornal Nacional

O Jornal Nacional pode ser caracterizado como mediador na formação da identidade nacional, com papel de destaque nas conjunturas social, econômica, política e cultural do país, configurando um esteio relevante da esfera pública nacional, em função da audiência e do capital simbólico que acumulou ao longo de sua trajetória. Por isso, é significativo

realizar o estudo que propusemos, tomando como referência esse telejornal e seus apresentadores.

O telejornal, que é transmitido desde 1º de setembro de 1969, foi criado em um período conturbado da história brasileira, a ditadura militar. Na concepção de Rezende (2000), o JN carregou a marca que acompanha a Globo por muito tempo, que é a de ter se configurado com afinidade ideológica com o regime militar. Faz parte do pensamento de Golembiewski (2007) a perspectiva de que o JN foi o primeiro espaço público eletrônico brasileiro. Um espaço que surgiu com a convergência entre os interesses da Rede Globo e os dos militares – a Globo pretendia ter abrangência nacional e necessitava de estrutura, enquanto os militares precisavam se fazer ouvir junto à população.

O JN tem, em média, 40 minutos. Bonner (2009) aponta que o tempo do programa é variável de acordo com o dia. As mudanças na extensão dos programas diários da Globo e dos comerciais influenciam no tempo dos telejornais. Em relação à pauta, o editor-chefe William Bonner (2009, p. 19, grifo do autor) destaca que o telejornal “**deve mostrar o que de mais importante aconteceu num determinado dia**”. A citação do autor dá bases para evidenciarmos a ênfase do JN nos temas factuais. O telejornal é baseado em dois eixos: o dos temas factuais e o dos temas de atualidades (BONNER, 2009). O autor complementa dizendo que o JN tem, como foco, levar ao ar e antecipar assuntos que serão destacados nos impressos do dia seguinte.

Ao analisar a perspectiva de que o Jornal Nacional apresenta os fatos mais importantes do Brasil e do mundo, Coutinho (2009) diz que ele apresenta, ao público, micronarrativas de caráter privado, contempladas e partilhadas a partir das vivências do público espectador.

Em relação ao formato, o JN tem um padrão desde que iniciou suas transmissões: vai ao ar com a utilização de bancada e é apresentado por dois apresentadores sentados. Na

atualidade, o programa adquiriu formato mais descontraído: os apresentadores andam pelo estúdio em alguns momentos e se comunicam, por meio de recursos tecnológicos, com repórteres localizados em outros locais, dando a impressão de que ocorre uma comunicação face a face. Acompanha-se, assim, uma tendência internacional do jornalismo eletrônico, a de tornar os produtos jornalísticos mais intimistas.

Em relação aos apresentadores, aspecto que já comentamos em alguma medida, é importante retomar que os primeiros foram Hilton Gomes e Cid Moreira. Em 1972, Sérgio Chapelin ocupou o lugar de Hilton Gomes. Já em 1983, Celso Freitas fez dupla com Cid Moreira na apresentação do JN. No ano de 1989, Sérgio Chapelin voltou a fazer dupla com Cid Moreira, a qual só foi desfeita em 1996, ano em que William Bonner e Lillian Witte Fibe passaram a ocupar as referidas posições. A dupla foi mantida até 1998, quando Fátima Bernardes assumiu o lugar de Witte Fibe. Bernardes e Bonner formaram dupla até 2011, quando Patrícia Poeta assumiu o lugar de Fátima. Em novembro de 2014, Renata Vasconcellos assumiu o posto de Poeta.

Sobre o protagonismo dos apresentadores na trajetória de sucesso do telejornal, importante destacar que Sérgio Chapelin e Cid Moreira foram considerados ícones do JN por muito tempo, e, para muitos, representaram uma forma de identificação do programa. Porto (2002) avalia a saída de Cid Moreira como uma marca da mudança de profissionais que se limitavam a ler as notícias no JN por profissionais redatores e produtores de notícias.

Como já mencionamos, Sérgio Chapelin e Cid Moreira foram marcas do JN por muitos anos. Da mesma forma, Fátima Bernardes e William Bonner criaram intensa aproximação com o público, construindo a imagem de “casal perfeito” e chegando a manter diálogos no ar sobre seus filhos trigêmeos.

Hagen (2004) salienta que, ao mesmo tempo em que Bernardes e Bonner buscavam a imparcialidade e a credibilidade para transmitir as notícias, a vida deles era esmiuçada pelas mais diversas revistas e jornais, o que, para o autor, significa que esse conhecimento das particularidades do casal conduzia o público a uma leitura de que eles assumiam postura humanizada diante das notícias. Assim, a atuação da dupla promovia uma quebra do distanciamento e se delineava como forma eficiente de cativar o público. Isso tudo ao mesmo tempo em que os apresentadores apresentavam uma dimensão quase inalcançável pelo espectador, pois: “São belos, ricos, charmosos, pais exemplares e bem-sucedidos profissionalmente” (Hagen, 2004, p. 26).

A partir disso, compreendemos que, por vezes, os apresentadores do telejornal podem ser caracterizados como olímpicos (MORIN, 1989), celebridades contemporâneas que operam, no imaginário social, como modelos a serem seguidos, e, ao mesmo tempo, geram identificação em função de aspectos prosaicos de suas vidas particulares.

Considerando o recorte deste artigo, que integra uma pesquisa mais ampla – que pretende comparar todas as duplas mistas que estiveram à frente da bancada do Jornal Nacional, dentre outras dimensões que podem ser elucidativas sobre a participação significativa das mulheres no JN –, são especialmente relevantes as figuras de Renata Vasconcellos e William Bonner, atuais apresentadores titulares do JN, e de Carla Vilhena e William Waack, apresentadores eventuais do telejornal.

Renata Vasconcellos é formada em Comunicação Social pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC- RJ); na emissora, ela também atuou na GloboNews, no Fantástico e no Bom Dia Brasil; atuou, ainda, como modelo em campanhas publicitárias e como figurante em telenovelas. Carla Vilhena formou-se em jornalismo pelas Faculdades Integradas Hélio Afonso (FACHA-RJ), atuou em todos os telejornais da Globo, exceto o Globo Rural e o Globo Repórter.

William Bonner formou-se em Comunicação Social pela Universidade de São Paulo (USP-SP), e, na emissora, atuou também nos jornalísticos SPTV, Fantástico, Jornal da Globo e Jornal Hoje; Bonner atuou, ainda, como publicitário e como locutor de rádio. William Waack, dentre outros títulos, é jornalista formado pela Universidade de São Paulo (USP-SP) e mestre em Relações Internacionais pela Universidade de Mainz, na Alemanha; só na emissora, atua, também, no Jornal da Globo, na Globo News e no G1; Waack atuou, ainda, em veículo impresso e como correspondente internacional.

Uma vez estabelecidos, brevemente, os perfis do programa jornalístico que integra nossa amostra e dos jornalistas cujo discurso analisamos, é importante apresentar os fundamentos teóricos que amparam essa pesquisa, com respeito ao papel dos apresentadores de um telejornal e sobre os critérios de noticiabilidade que norteiam essa investigação.

3. Os apresentadores no telejornal

Os apresentadores são fatores de mediação entre o conteúdo levado ao ar no telejornal e o público receptor. É por meio deles que o espectador terá a primeira impressão sobre os temas pautados no JN e obterá uma primeira abordagem sobre o “recorte” do telejornal sobre os temas relevantes para a sociedade. Os apresentadores são os responsáveis por anunciar os fatos e dar credibilidade ao que está sendo transmitido. Eles são os primeiros agentes que atuam na produção de sentidos das mensagens do telejornal perante o público.

Podemos retomar a ideia de laço social, de Dominique Wolton (1996), para caracterizar o papel dos apresentadores no contexto do telejornalismo. Eles funcionam como uma forma de união entre públicos distintos e que não se conhecem. E é a partir dessa ligação que muitos ainda respondem ao “boa noite” dos apresentadores ou repercutem as suas mensagens postadas na internet, em espaços como o *twitter*.

Concordamos com Fechine (2008) quando diz que a credibilidade de um telejornal sofre influências diretas pela confiança que os espectadores designam aos apresentadores do programa. Bara (2013, p. 7), na mesma linha de reflexão que Fechine, aponta: “Tamanha é a força dos apresentadores junto ao público, que, muitas vezes, são confundidos os limites entre apresentadores e telejornal”.

Bara (2013) reitera a importância dos apresentadores no contexto do telejornalismo, ao afirmar que eles são a identidade de um telejornal, e funcionam como uma linha condutora de um programa jornalístico de televisão. Articulam histórias que são levadas ao ar e narram fatos, deixando o público informado no decorrer do cotidiano. A autora acrescenta:

Os apresentadores são vistos como a cara e a voz do telejornal que apresentam – ou representam. Os apresentadores conduzem a enunciação no telejornal, interpellando diretamente os espectadores. Eles narram, de um lugar de fala autorizado, os acontecimentos classificados (muitas vezes por eles próprios, quando acumulam a função de editores) como os mais relevantes do dia (BARA, 2013, p. 6).

A partir de Bara (2013), reiteramos que são os apresentadores que conduzem a enunciação de um telejornal e interpellam, diretamente, o grande público. Eles ocupam um lugar que é autorizado para narrar os acontecimentos considerados os mais importantes do dia.

Um ponto importante para destacar é que, na atualidade, segundo Fechine (2008), é muito comum encontrarmos apresentadores com postura informal, que fazem brincadeiras com o público e se portam de forma descontraída. Além disso, posicionam-se contra políticos ou fazem críticas em relação à postura de instituições, clamando por determinadas saídas para os problemas das sociedades. A autora acrescenta:

Por meio de tais comportamentos, o apresentador passa, por um lado, a ser percebido paulatinamente pelo público como alguém mais próximo e familiar, alguém de quem ele conhece até alguns aspectos da vida, das experiências, das opiniões e preferências pessoais. Pode ainda, por outro lado, ser visto pelo

telespectador como alguém capaz de defender seus interesses e manifestar suas posições, apto a expressar às autoridades, aos políticos ou a representantes da sociedade civil aquilo que ele próprio gostaria de falar (FECHINE, 2008, p. 69).

Os apresentadores têm papel de muita importância no contexto de um telejornal. E, nos dias atuais, com a postura mais informal, eles têm se expandido nos cenários, como é o caso do JN. Considerando todos esses aspectos, dentre outras possibilidades de análise, elegemos as figuras dos apresentadores de telejornal para pesquisar a participação significativa das jornalistas mulheres no JN. No próximo item, discorreremos sobre os critérios de noticiabilidade – pois vamos avaliar, a partir desses critérios, os conteúdos ancorados pelas mulheres no telejornalismo. Nesse sentido, os seguintes questionamentos norteiam essa pesquisa: quais são os principais critérios de noticiabilidade das notícias apresentadas pelas mulheres no Jornal Nacional? As apresentadoras introduzem as principais notícias do dia?

4. Os critérios de noticiabilidade

No cotidiano, diferentes fatos e eventos ocorrem no mundo, mas a mídia não tem como noticiar todos eles, devido à falta de espaço e de tempo. Dessa forma, podemos refletir sobre os fatores de seleção pelos quais um fato passa até chegar às páginas dos impressos, aos webjornais, aos telejornais ou aos jornais radiofônicos. Podemos partir do questionamento de Motta: “O que um fato precisa ter para ser escolhido e ganhar as páginas da imprensa ou as telas da TV?” (MOTTA, 2002, p. 307).

A pergunta do autor nos estimula a refletir acerca dos critérios de noticiabilidade que amparam a divulgação de notícias no jornalismo televisivo. Esses critérios serviram de base para compararmos o grau de importância dos fatos divulgados pelas apresentadoras mulheres em relação aos apresentadores homens no Jornal Nacional. Na concepção de Mauro Wolf (2003), a noticiabilidade é correspondente a um conjunto de critérios, de operações e de instrumentos por meio dos quais se dá a seleção de notícias que os veículos

de comunicação fazem diariamente. Traquina (2005, p. 63), ao refletir sobre noticiabilidade, concorda com a perspectiva de Wolf:

Podemos definir o conceito de noticiabilidade como conjunto de critérios e operações que fornecem a aptidão de merecer um tratamento jornalístico, isto é, possuir valor como notícia. Assim, os critérios de noticiabilidade são um conjunto de valores-notícia que determinam se um acontecimento, ou assunto, é suscetível de se tornar notícia, isto é, de ser julgado como merecedor de ser transformado em matéria noticiável e, por isso, possuindo “valor notícia”.

A partir do pensamento de Traquina, podemos inferir que, para um determinado acontecimento⁶ ser notícia, ele precisa ter a garantia dos valores-notícia, os quais norteiam o trabalho dos jornalistas na seleção dos fatos que serão publicados.

Na concepção de Traquina (2005), a existência dos critérios de noticiabilidade, de critérios que norteiam as práticas cotidianas das redações e a seleção de notícias, aponta para a previsibilidade de um esquema geral na produção de notícias. O autor português cita o ponto de vista de Mauro Wolf de que os valores-notícia podem ser qualificados como valores-notícia de seleção e de construção. E os de seleção podem ser critérios substantivos e critérios contextuais.

Entre os valores notícias de seleção – critérios substantivos –, Traquina destaca a morte. “Onde há morte, há jornalista. A morte é um valor-notícia fundamental para esta comunidade interpretativa e uma razão que explica o negativismo do mundo jornalístico que é apresentado diariamente nas páginas do jornal ou nos écrans da televisão” (TRAQUINA, 2005, p. 79).

⁶ Adriano Duarte Rodrigues (1993) define acontecimento jornalístico como tudo aquilo que irrompe a superfície lisa da história entre uma multiplicidade aleatória de fatos que ocorrem no cotidiano.

Também são selecionados por Traquina (2005), como critérios de noticiabilidade de seleção – critérios substantivos –, a notoriedade do ator principal; a proximidade do fato ocorrido, tanto em termos geográficos como em culturais; a relevância de um fato para o contexto social de onde é divulgado; a novidade que um fato irá apresentar; o tempo, em relação à atualidade; a notabilidade de um assunto, “[...] isto é, a qualidade de ser visível, de ser tangível” (TRAQUINA, 2005, p. 82); o inesperado também é um fator importante, é o que surpreende a comunidade jornalística; o conflito ou a controvérsia de um tema, “[...] isto é, a violência física ou simbólica, como uma disputa verbal entre líderes políticos” (TRAQUINA, 2005, p. 84). A infração também é um valor-notícia presente no jornalismo; ela está ligada à violência. Traquina explica a infração:

Por infração refere-se sobretudo a violação, a transgressão das regras. Assim podemos compreender a importância do crime como notícia. Uma parte importante das notícias sobre o crime são rotineiras e breves, porque o grosso do crime é visto como uma rotina. O crime é percebido como um fenômeno permanente e recorrente, e assim grande parte dele é observado pelos media noticiosos de uma forma igualmente rotinizada (TRAQUINA, 2005, p. 85).

Ainda entre os valores-notícia de seleção – critérios substantivos –, Traquina (2005) aponta o escândalo, que exemplifica com o caso Watergate. O autor também analisa os valores-notícia de seleção – critérios contextuais. Neste caso, ele destaca a disponibilidade, que pode ser vista como a facilidade para fazer uma cobertura jornalística; o equilíbrio, relacionado à quantidade de notícias divulgadas sobre um assunto; a visualidade, relacionada à existência de eventos visuais, como fotografias e imagens – este critério é muito importante no jornalismo televisivo; a concorrência – as empresas procuram situações que a concorrência não tem; e o dia noticioso, relacionado ao cotidiano do jornalismo.

Como valores-notícia de construção, Traquina (2005) destaca a simplificação – se a notícia for simples, mais facilmente ela será compreendida; a amplificação – quanto mais amplificado é um acontecimento, mais facilmente a notícia será notada; a relevância –

que pode ser relacionada ao sentido que a notícia dá a um acontecimento; a personalização – quanto mais o acontecimento for personalizado, mais facilmente a notícia será notada; a dramatização, que se relaciona ao destaque aos aspectos mais críticos e aos aspectos emocionais e conflituais; e a consonância, que é tratada como: “[...] quanto mais a notícia insere o acontecimento numa ‘narrativa’ já estabelecida, mais possibilidades a notícia tem de ser notada” (TRAQUINA, 2005, p. 93).

Os critérios de noticiabilidade apontados por Nelson Traquina referem-se às práticas jornalísticas de modo geral. Mas, ao observarmos as características específicas de cada veículo de comunicação, podemos inferir que, para cada meio, os critérios de seleção de notícias são distintos, de acordo com aspectos pertinentes às características de cada um.

Ao falarmos especificamente da televisão e do telejornalismo, destacamos que é pertinente enquadrar os critérios elencados por Traquina (2005), mas que algumas características relativas à natureza visual do meio, na maioria das vezes, são levadas em consideração e observadas no momento de fazer uma reportagem ou uma cobertura jornalística: a presença de imagens; as possibilidades de desenvolvimento de uma narrativa televisual de forma espetacular e humanizada; a disponibilidade de fontes especializadas no assunto enfocado e sua disposição para falar na TV; o destaque do fato ocorrido no contexto de abrangência do telejornal e o potencial caráter melodramático relacionado ao fato. Atentando para esses aspectos, concordamos, ainda, com as reflexões de Sousa (2010, p. 2) sobre os critérios de noticiabilidade para o jornalismo televisivo:

Para o caso de a notícia ser veiculada na televisão, o acontecimento precisa ainda ser capaz de gerar boas imagens, ter unicidade, ser parte de uma grande narrativa, causar impacto emocional e apresentar um potencial espetacular para fazer frente aos demais produtos televisivos.

Quando falamos de telejornalismo, precisamos de imagens, e a posse delas oportuniza a construção de uma narrativa noticiosa. Portanto, em geral, é possível afirmar que a própria existência de imagens é um critério relevante para noticiar este ou aquele acontecimento.

5. Análise comparativa a partir de critérios de noticiabilidade na bancada mista do JN

Observamos os critérios de noticiabilidade nas cabeças das reportagens, e, também, nas notas cobertas. Nesse artigo, como já mencionamos, analisamos duas edições do Jornal Nacional, que foram ao ar nos dias 3 de novembro de 2014 (edição que marca o início da trajetória de Renata Vasconcellos, ao lado de William Bonner, como apresentadora efetiva do JN) e 11 de julho de 2015 (edição de sábado, apresentada por William Waack e Carla Vilhena, apresentadores esporádicos do JN). Analisamos os dois programas sob a ótica dos critérios de noticiabilidade – critérios de seleção (TRAQUINA, 2005).

A edição de 3 de novembro de 2014 foi ao ar em uma segunda-feira. Como já mencionamos, a apresentação do Jornal Nacional, nessa data, foi realizada por Renata Vasconcellos e William Bonner. O JN abordou temas como: a prova do Exame Nacional do Ensino Médio; o déficit da balança comercial brasileira; demissões no setor têxtil brasileiro; campanha “Novembro Azul”.

A Tabela 1 apresenta informações quantitativas sobre o número de vezes que cada um dos critérios de noticiabilidade apontados por Traquina (2005) foram identificados nas falas de William Bonner e de Renata Vasconcellos:

Critérios De Noticiabilidade	William Bonner	Renata Vasconcellos
1. Atualidade	10X	10X
2. Proximidade	6X	5X

3. Relevância	9X	8X
4. Novidade	8X	6X
5. Notabilidade do assunto	6X	7X
6. Inesperado	4X	5X
7. Morte	3X	1X
8. Infração	1X	2X
9. Escândalo	1X	1X

Tabela 1: *Crítérios encontrados nas informações transmitidas pelos apresentadores na edição do JN do dia 3 de novembro de 2014.*

A análise quantitativa revela que o critério mais usado durante a apresentação da edição do Jornal Nacional de 3 de novembro de 2014 foi a atualidade (dez vezes para Bonner e dez vezes para Renata Vasconcellos). A presença de tal critério mostra que o JN é um telejornal focado na cobertura de pautas do cotidiano. Segue-se a isso a relevância do assunto para o contexto social. Neste caso, William Bonner levou ao ar dez assuntos que podem ser encaixados no critério “Relevância”; já Renata Vasconcellos apresentou oito assuntos. O critério novidade também foi bastante recorrente: apareceu oito vezes para Bonner e seis vezes para Renata Vasconcellos. Cabe destacar que, em uma única edição, Bonner apresentou três assuntos relacionados à morte e Renata Vasconcellos, um assunto, o que demonstra o vasto espaço que a finitude humana ganha no contexto do telejornalismo.

O critério “proximidade” foi considerado em relação à geografia. Assim, fica evidente que ele (seis vezes para Bonner e cinco vezes para Renata Vasconcellos) aparece menos que o critério atualidade (dez vezes para Bonner e dez vezes para Renata Vasconcellos). Em relação ao critério de noticiabilidade “Atualidade”, como já apontamos, houve recorrência de 10 vezes tanto nas apresentações de William Bonner, como de Renata Vasconcellos. Dessa forma, a distribuição deste critério entre os dois apresentadores ficou

equilibrada. Na referida edição, tanto Bonner quanto Renata Vasconcellos ancoraram pautas de assuntos atuais sobre educação. Renata Vasconcellos ancorou uma matéria sobre o ENEM:

RENATA VASCONCELLOS - Esta vai ser uma semana tensa para milhões de brasileiros, porque faltam só cinco dias para o Enem. O Exame Nacional do Ensino Médio é a principal porta de entrada para as universidades federais no país. Por isso, o Jornal Nacional traz uma ajuda para os candidatos e também para as famílias deles. São conselhos de quem já venceu essa etapa e com notas excelentes.

Já Bonner introduziu uma reportagem sobre a importância dos estágios:

WILLIAM BONNER - Para quem já se aproxima do fim do curso na faculdade, esta é uma época de procurar estágio. A repórter Verusca Donato traz um retrato dessa atividade, nas empresas brasileiras.

Em relação às pautas atuais que tratam da morte, na edição em estudo, Bonner apresentou três casos e Renata Vasconcellos, um. Dentre os casos de morte apresentados por Bonner, estava a polêmica eutanásia da Americana Brtittany Maynard, que dividiu opiniões na sociedade.

RENATA VASCONCELLOS - A mulher que aplicou hidrogel em uma cliente, em Goiânia, prestou depoimento nesta segunda-feira (3) por mais de duas horas. A cliente morreu poucas horas depois da aplicação.

WILLIAM BONNER - A americana de 29 anos que provocou debate sobre o direito ao suicídio nos Estados Unidos morreu no dia que escolheu. Brittany Maynard estava em casa no sábado (1º) cercada pela família e por amigos. Por ter um câncer incurável no cérebro, ela se mudou da Califórnia para o Oregon para ter acesso aos medicamentos que tomou para morrer. Brittany criou uma fundação para ajudar pacientes terminais que defendam o que chamam de direito à morte digna.

A notícia apresentada por Bonner sobre a eutanásia de Maunard foi uma nota coberta. Vale ressaltar que o jornalista do Jornal Nacional, durante a edição de 3 de novembro de 2014, apresentou cinco notas cobertas. Já Renata Vasconcellos apresentou apenas uma. E duas das notas cobertas levadas ao ar por Bonner trataram de temas relacionados à

morte, como eutanásia e morte em acidente de caminhão. Já a nota apresentada por Renata Vasconcellos tratou de política.

Observou-se que temas mais “leves”, que se enquadraram no critério de noticiabilidade de “Atualidade” e “Inesperado”, em sua maioria, foram levados ao ar por Renata Vasconcellos. A apresentadora ancorou temas relacionados ao esporte e a variedades, como:

RENATA VASCONCELLOS - Na costa da Austrália, um surfista teve uma ideia infeliz. No fim de semana, ele se jogou no mar para subir na carcaça de uma baleia. E, minutos depois, se viu cercado por dois tubarões. Acabou resgatado pelos amigos do barco em que estava. Harrison Williams disse que agiu por impulso.

RENATA VASCONCELLOS- Um equilibrista americano bateu dois recordes mundiais ao caminhar entre arranha-céus em Chicago, na noite de domingo (2).

A partir de um olhar para a edição de 3 de novembro de 2014 do Jornal Nacional, em relação aos critérios de noticiabilidade, é possível inferir que Renata Vasconcellos ocupou um lugar praticamente equivalente ao de Bonner na apresentação das notícias no JN e que ela introduziu notícias importantes no dia. Só é possível salientar diferenças em relação ao número de notas cobertas e dizer que Renata Vasconcellos apresentou mais variedades que Bonner, mas ela não deixou de levar ao ar notícias importantes. E ela apresentou notícias atuais e polêmicas, da mesma forma que Bonner.

Na edição de 11 de julho de 2015, como já mencionamos, a apresentação do Jornal Nacional foi realizada por William Waack e Carla Vilhena. O programa telejornalístico levou ao ar assuntos como: chuva forte deixa mais de 200 pessoas desabrigadas no Paraná; supermercados podem passar a cobrar por sacolas plásticas; Papa Francisco fez discurso improvisado em visita ao Paraguai; e Mosteiro de São Bento passou por restauração.

A Tabela 2 apresenta informações quantitativas sobre o número de vezes que cada um dos critérios de noticiabilidade apontados por Traquina (2005) foram identificados nas falas de William Waack e de Carla Vilhena:

Crítérios De Noticiabilidade	William Waack	Carla Vilhena
1. Atualidade	10X	10X
2. Proximidade	6X	4X
3. Relevância	10X	10X
4. Novidade	4X	3X
5. Notabilidade do assunto	9X	7X
6. Inesperado	3X	4X
7. Morte	1X	1X
8. Infração	2X	2X
9. Escândalo	-	-

Tabela 2: *Crítérios encontrados nas informações transmitidas pelos apresentadores na edição do JN do dia 11 de julho de 2015.*

Da mesma forma que na edição do dia 3 de novembro de 2014, a análise quantitativa do dia 11 de julho de 2015 mostra que o critério mais utilizado nesta edição foi a “Atualidade” (dez vezes para Waack e dez vezes para Carla Vilhena), seguido da “Relevância do assunto para o contexto social” (também dez vezes para Waack e dez vezes para Carla Vilhena). Outro critério bastante verificado nesta edição foi “Notabilidade do assunto”, que apareceu nove vezes para Waack e sete vezes para Carla Vilhena.

Em relação ao critério de noticiabilidade “Atualidade”, como já apontamos, houve recorrência de 10 vezes tanto nas apresentações de William Waack, como de Carla

Vilhena. Como na outra edição analisada, a distribuição deste critério entre os dois apresentadores ficou equilibrada. Vale destacar que os dois apresentadores levaram ao ar pautas relacionadas a fenômenos da natureza. Carla Vilhena noticiou, em uma nota coberta, um tufão na China:

CARLA VILHENA - Um tufão poderoso atingiu a China e um milhão de pessoas já saíram de casa. Em Xangai, os ventos chegaram a 160km/h. Cidades da costa leste ficaram alagadas. O centro meteorológico da China diz que o tufão tem potencial para ser o mais forte desde 1949.

Já Waack apresentou chuvas no estado do Paraná e nota coberta sobre um vulcão no México:

WILLIAM WAACK - Mais de 200 pessoas ficaram desabrigadas com a chuva forte que começou na sexta (10) à noite no Paraná. Dezoito cidades foram atingidas. Em meio aos temporais, uma nuvem chamou a atenção.

WILLIAM WAACK - O vulcão mais ativo do México lançou uma coluna imensa de cinza e fumaça. A erupção do Colima começou na quinta (9). As autoridades mexicanas decidiram retirar os moradores de um raio de cinco quilômetros da cratera do vulcão. A última erupção do Colima, que também é chamado de Vulcão de Fogo, aconteceu em fevereiro de 2015.

Os dois apresentadores ancoraram notícias relevantes e atuais sobre a presidente Dilma Rousseff:

WILLIAM WAACK - No último dia de viagem à Itália, a presidente Dilma Rousseff visitou a feira universal, em Milão, e falou sobre o Brasil. Disse que é impossível pro país sustentar o aumento dos funcionários do judiciário aprovado pelo Congresso.

CARLA VILHENA - A presidente Dilma Rousseff, o presidente do Supremo Tribunal Federal, ministro Ricardo Lewandowski, e o ministro da Justiça, José Eduardo Cardozo, tiveram um encontro num hotel fora do brasil e fora das agendas oficiais dos três. Foi na escala do voo da presidente Dilma Rousseff na cidade do Porto, em Portugal.

William Waack apresentou mais notícias relacionadas ao critério de noticiabilidade “Proximidade”, sendo que estamos levando em consideração a proximidade geográfica. Foram seis para Waack e quatro vezes para Carla Vilhena. Em relação à morte, nesta edição foi só vez para Waack e uma vez para Carla Vilhena.

Cabe destacar que a jornalista apresentou uma das notícias mais polêmicas e violentas da edição, que foi uma nota coberta sobre um assalto no *campus* da USP.

CARLA VILHENA - As câmeras de segurança da Universidade de São Paulo registraram, na sexta-feira (10), a ação covarde de bandidos contra um casal de idosos. O casal estacionou e trancou o carro. Os bandidos se aproximaram e um deles tentou roubar alguma coisa da mulher. Depois, foram pra cima do homem. Antes de fugir, se voltaram novamente pra mulher e a agrediram com chutes. Eles ainda tentaram parar outros carros que passavam na rua.

Tratando-se de temas mais leves, como esportes e artes, Carla Vilhena noticiou temas do universo considerado masculino os esportes, especialmente o futebol:

CARLA VILHENA - No Vôlei, a seleção brasileira feminina conquistou hoje a quinta vitória em cinco jogos pelo Grand Prix.

CARLA VILHENA - O grêmio venceu em casa e assumiu o segundo lugar no campeonato. E pela série B os resultados dos jogos de hoje embolaram de vez a disputa pela liderança. Vamos aos gols.

E Waack informou sobre o cenário das artes:

WILLIAM WAACK - Em São Paulo, uma exposição reúne as obras do russo Wassily Kandinsky - um dos precursores da arte abstrata.

A partir de uma observação da edição de 11 de julho de 2015 do Jornal Nacional, em relação aos critérios de noticiabilidade, é possível inferir que Carla Vilhena apresentou notícias que podem ser consideradas importantes no cenário social (a Tabela 2 comprova que não há diferenças gritantes entre os critérios de Carla Vilhena e de Waack). Ela

noticiou temas políticos, fenômenos da natureza, violência e crises no cenário internacional. Não se pode dizer que ela ficou atrás de Waack no contexto do Jornal Nacional.

Considerações finais

A partir da análise das edições do JN, com a estratégia quantitativa e a interpretação qualitativa dos dados a partir dos critérios de noticiabilidade, depreendemos que, nas edições estudadas, as apresentadoras Renata Vasconcellos e Carla Vilhena protagonizaram a apresentação ao lado dos homens, e que elas não foram apenas coadjuvantes.

De toda forma, é importante pontuar que essa pesquisa segue em andamento, em relação a essas e a outras duplas mistas de apresentadores do JN, e que a complexidade das práticas telejornalísticas demanda o estudo contínuo do espaço da mulher no telejornal. Em reportagens de editorias diversas; em toda a realização do telejornal, da produção à edição; na direção ou em outros cargos de chefia, e, ainda, na previsão do tempo.

Consideramos também que o estudo da linguagem não-verbal, da inflexão vocal, e de outros textos culturais, como o figurino dos apresentadores, podem ser úteis na elucidação da problemática de pesquisa.

Além disso, consideramos aprofundar a investigação estudando a recepção das edições do JN, a fim de esgotar outras hipóteses suscitadas pela pesquisa, como a possibilidade de os jornalistas homens e mulheres ganharem mais ou menos espaço no telejornal, ou serem incumbidos de enunciar esta ou aquela pauta, em função dos sentidos associados ao seu gênero, ou a sua imagem pessoal, ou a necessidade de gerar identificação com públicos específicos, ou para gerar os efeitos de proximidade e de distanciamento em relação aos telespectadores.

Referências bibliográficas

BARA, Gilze Freitas. 2013. Apresentadores de telejornais e os vínculos tecidos com o público: os olhares da recepção antes e após a troca de apresentadora no Jornal Nacional. In: XVIII Congresso de Ciências da Comunicação da Região Sudeste, 2013, Bauru. **Anais**. Bauru: Intercom Sudeste.

BONNER, William. 2009. **Jornal Nacional**: modo de fazer. São Paulo: Globo.

CASADEI, Elisa Bachega. 2011. A Inserção das mulheres no jornalismo e a imprensa alternativa: primeiras experiências do final do século XIX. **Revista Alterjor**. Ano 02, Volume 01 Edição 03, Janeiro-Junho.

CHAMBERS, Deborah, STEINER, Linda, FLEMING, Carole. 2004. **Women and Journalism**. New York: Rutledge.

COUTINHO, Iluska. 2009. Telejornalismo como serviço público no Brasil: reflexões sobre o exercício do direito à comunicação no Jornal Nacional/TV Globo. In: VIZEU, Alfredo; PORCELLO, Flávio; COUTINHO, Iluska (orgs.). **40 anos de telejornalismo em rede nacional**: olhares críticos. Florianópolis: Insular.

FECHINE, Yvana. 2008. Performance dos apresentadores dos telejornais: a construção do éthos. **Revista Famecos**, n.36, agosto.

BARA, Gilze Freitas. 2013. Quando o telejornal vira notícia: a troca de apresentadora do Jornal Nacional. **CES Revista**. Juiz de Fora. V. 27. N.1, p. 149-165, janeiro-dezembro.

GOLEMBIEWSKI, Carlos. 2007. **Comunicação e pós-modernidade no Jornal Nacional e RBS Notícias**: uma abordagem compreensiva. Tese de doutorado defendida no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

GUTMANN, Juliana Freire. 2009. Articulações entre dispositivos televisivos e valores jornalísticos na cena de apresentação do Jornal Nacional. In: XXXII Congresso Brasileiro de ciência da Comunicação, 2009, Curitiba. **Anais**. Curitiba: Intercom.

HAGEN, SEAN. 2004. **O casal 20 do telejornalismo e o mito da perfeição**: como a mídia constrói a imagem dos apresentadores Fátima Bernardes e William Bonner. Dissertação de mestrado defendida no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Informação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

MEMÓRIA GLOBO. [s.d.] Disponível em: <http://memoriaglobo.globo.com/>. Acesso em: 14/07/2015.

MORIN, Edgar. 1989. **Cultura de Massa no século XX**. Vol.1. Rio de Janeiro: Forense.

MOTTA, Luiz Gonzaga. 2002. Teoria da notícia: as relações entre o real e o simbólico. In: MOUILLAUD, Maurice, PORTO, Sérgio Dayrell (org). **O jornal: Da forma ao sentido**. Brasília: Editora Universidade de Brasília.

ORLANDI, Eni 2001. **Discurso e texto**. Campinas: Pontes.

REZENDE, Guilherme Jorge de. 2000. **Telejornalismo no Brasil: um perfil editorial**. São Paulo: Summus.

RIBEIRO, José Hamilton. 1998. **Jornalistas: 1937 a 1997: história da imprensa de São Paulo vista pelos que batalham laudas (terminais), câmeras e microfones**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado.

ROCHA, Paula Melani. 2005. A Profissionalização no Jornalismo e o mercado de trabalho para mulheres no Estado de São Paulo. **Revista Jurídica Eletrônica UNICOC**, número 02, outubro.

SOUSA, L. S. C. S. 2010. **Cobertura esportiva na televisão: critérios de noticiabilidade na interface entre Jornalismo e Entretenimento**. In: 8º Encontro Nacional de Pesquisadores em Jornalismo, SBPJor, 2010. Disponível em:
<http://sbpjor.kamotini.kinghost.net/sbpjor/resumod.php?id=356>

TMT/UFSC; Fenaj; FNPJ; SBPJor. **Perfil do jornalista brasileiro: Características demográficas, políticas e do trabalho jornalístico em 2012**. Disponível em:
<http://revista.penseempregos.com.br/noticia/2013/04/mulheres-sao-maioria-no-jornalismo-brasileiro-segundo-levantamento-4099751.html> Acesso em: 14/07/2015.

TRAQUINA, Nelson. 2005. **Teorias do jornalismo**. A tribo jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional. Florianópolis: Insular.

WOLF, Mauro. 2003. **Teorias da comunicação de massa**. São Paulo: Martins Fontes.